

TERRA_ÁGUA



Parque Florestal de Monsanto, estrada vindo do Alvíto a Alcântara in AML, Eduardo Portugal, 1939

TERRA_CIDADE VERDE

À medida que existe a necessidade de expansão da cidade, os vales - antes lugar de produção agrícola - são ocupados gradualmente. Perde-se a paisagem e a vivência rural, agora quase inexistente, em detrimento de uma paisagem construída que deixa grandes vazios urbanos, alguns resultando em parques (TELLES, 2020).

A partir de certa altura começa a haver um pensamento do que poderia ser o tecido vegetal na cidade, e como deve contribuir para a sua humanização, estabilidade e equilíbrio ecológico. O espaço verde urbano público torna-se parte do planeamento das intervenções urbanísticas, uma vez que a presença da natureza e do maciço verde é indissociável da qualidade urbana da cidade.

Nos anos 70, o arquiteto paisagista Gonçalo Ribeiro Telles (1997) idealiza o plano verde da cidade no qual integra o corredor verde, que se desenvolve a partir de uma análise sistemática e interpretativa da paisagem urbana e rural da cidade de Lisboa. O plano verde assenta na ideia de "Continuum Naturale", um sistema contínuo onde a paisagem natural penetra a cidade estabelecendo uma relação equilibrada com o tecido urbano, tendo como base os princípios de proteção e salvaguarda da biodiversidade, produção e recreio (TELLES, 1997).

A primeira continuidade verde de Lisboa trata-se do Corredor Verde de Monsanto que faz a ligação entre o Parque Eduardo VII e o Parque Florestal de Monsanto, contribuindo para uma relação mais direta com a cidade.



Parque de Campismo de Monsanto, piscina in AML, Armando Maia Seródio, 1962



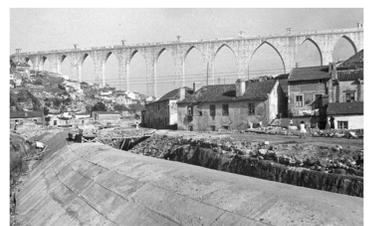
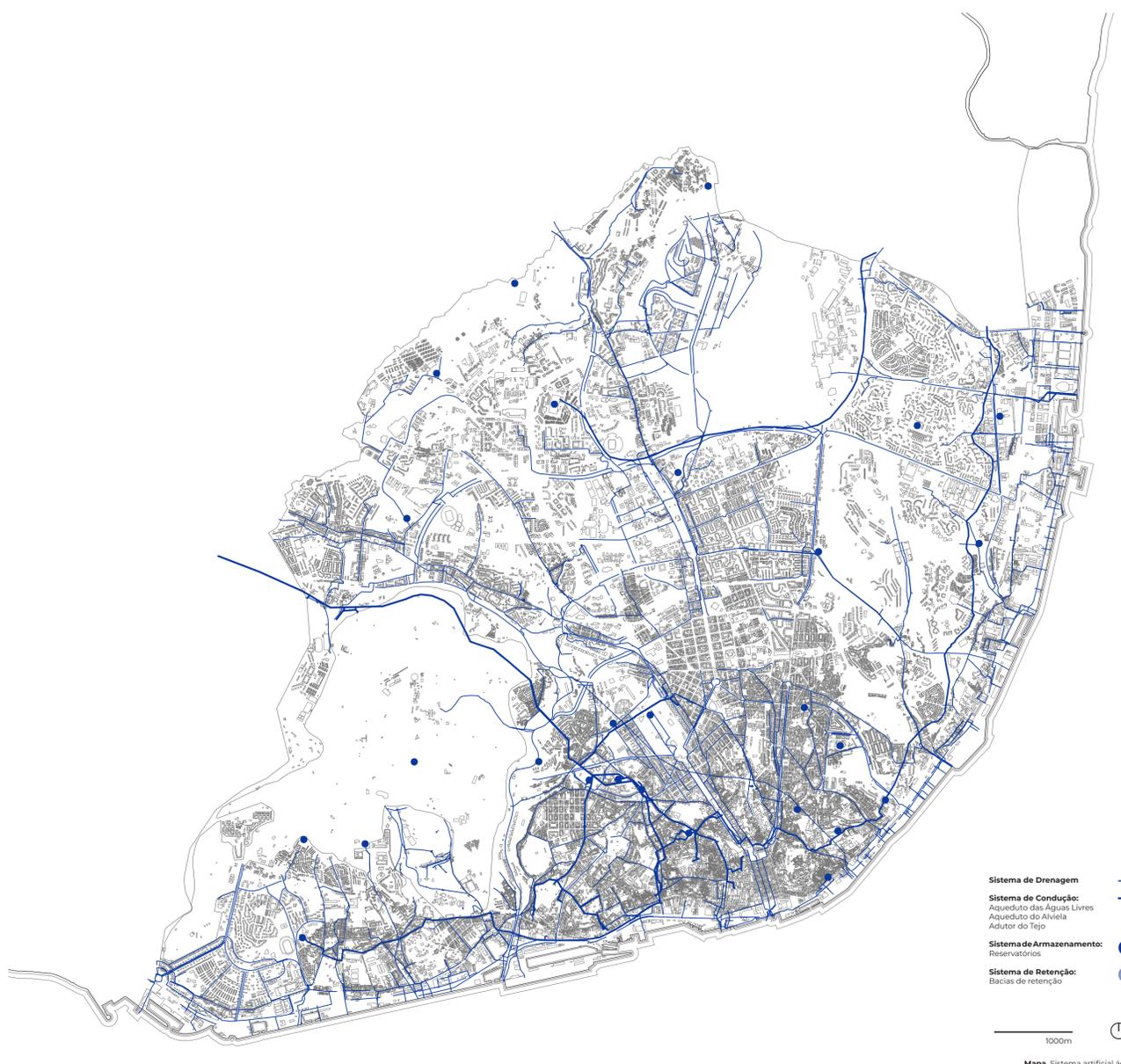
Aqueduto das Águas Livres e ponte da Rabicha, sobre a Ribeira de Alcântara in AML, Paulo Guedes, 1912

ÁGUA_SISTEMA ARTIFICIAL

O sistema hidrológico composto, não só pela água aparente, como também pela água do subsolo condiciona a estruturação da paisagem (ALFAIATE & RIBEIRO, 2021). Com a inevitabilidade de crescimento e desenvolvimento da cidade, este sistema tem vindo a ser alvo de sucessivas intervenções que ferem o curso natural da água.

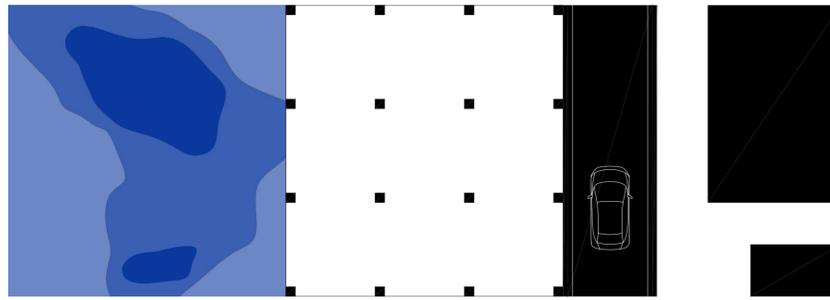
Ao longo dos anos, a necessidade de abastecimento, condução e armazenamento de água implicou a construção de inúmeras infraestruturas o que fez com que as linhas de água deixassem de se ler à superfície e a água passa-se a ser conduzida através de caneiros e aquedutos. Atualmente, o abastecimento de água em Lisboa deve-se sobretudo ao Aqueduto das Águas Livres, ao Aqueduto do Alviela, ao Adutor do Tejo e aos reservatórios e cisternas associados a estes (ALFAIATE & RIBEIRO, 2021).

A reconfiguração da paisagem natural por meio da criação de estruturas hídricas e os sucessivos processos de urbanização resultaram numa intensa impermeabilização e ocupação dos solos, obstruindo os leitos de cheia e condicionando o escoamento natural da água. Isto somado ao efeito das alterações climáticas expôs a cidade de Lisboa à ocorrência de inundações. De modo a minimizar o problema e os impactos sociais e ambientais que deste advém é projetado um sistema de drenagem artificial que recolhe as águas pluviais nos pontos altos da cidade e em pontos adicionais, através de bacias de retenção, e encaminha-as em direção ao rio agilizando o processo de escoamento nos pontos críticos de Lisboa (GUERREIRO et al., 2015).



Caneiro de Alcântara em construção in AML, Ferreira da Cunha, 1947

ÁGUA_CIDADE

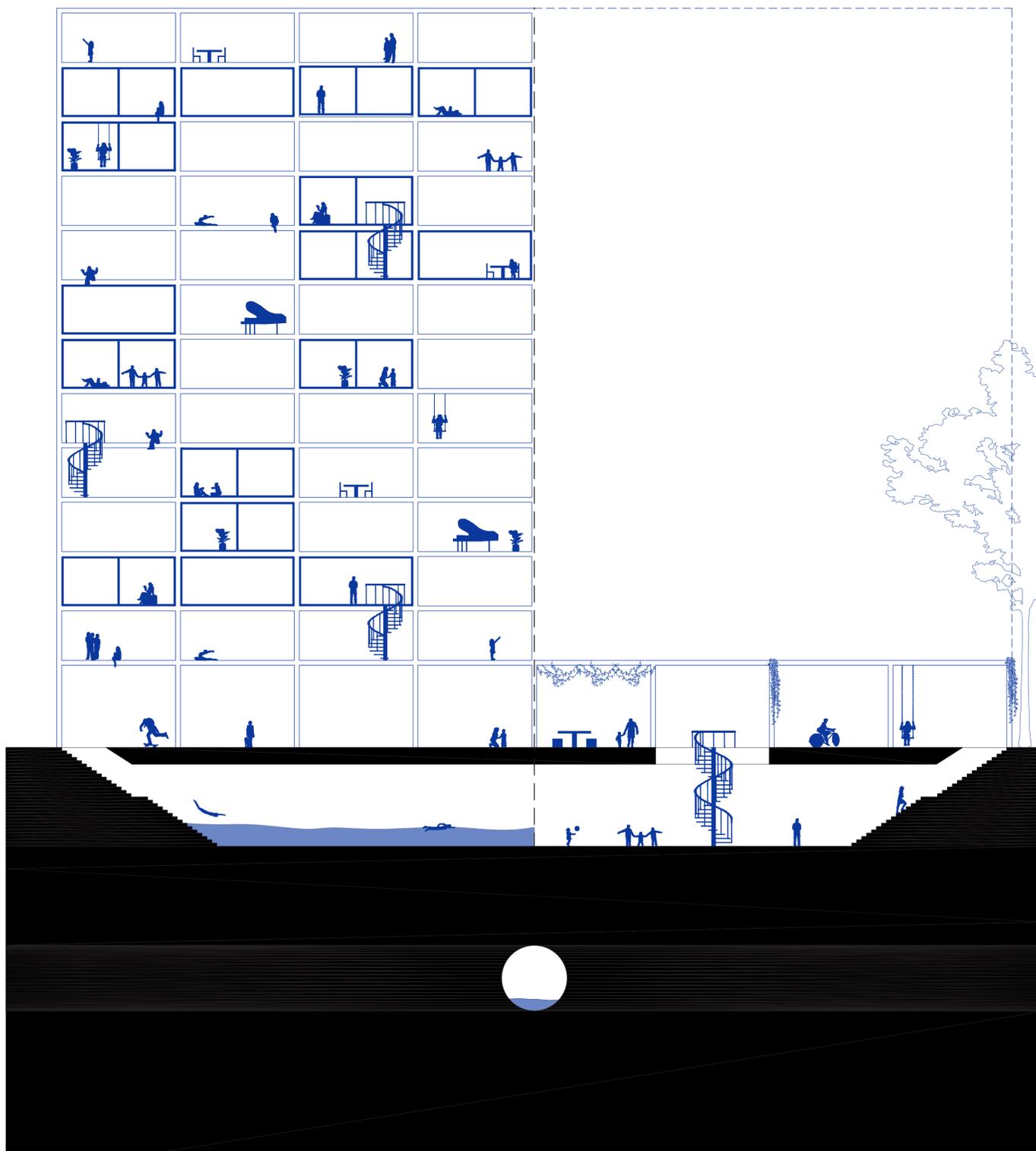


A integração e gestão da água na conformação da paisagem natural e urbana, foi determinante para a evolução da estrutura e identidade da cidade de Lisboa. Ao longo do território, a água afigura-se como elemento modelador e unificador do espaço, de modo a dar resposta às necessidades de escoamento, retenção e abastecimento.

A expansão e consolidação da cidade teve um forte impacto na relação de proximidade e vitalidade com os sistemas hídricos. As diversas intervenções efetuadas pelo homem ao nível urbano, tais como, o aumento da impermeabilização dos solos, o encanamento dos cursos de água e a ocupação indevida dos leitos de cheia, tornaram o território mais vulnerável a possíveis inundações.

Estes eventos em áreas urbanas consolidadas, representam uma grande ameaça para a população ocasionando prejuízos consideráveis.

Debruçando sobre as zonas de chão não permeável, deve-se refletir sobre a forma como se pode, ou deve continuar a contruir nestas áreas, de modo a perceber como as novas intervenções podem contribuir como atenuadoras desta problemática. A abordagem passa pela intervenção na cota baixa da cidade de Lisboa, plataforma ribeirinha, partindo das zonas de fundo de vale como possíveis áreas de atuação.



Olhar o território, da escala da cidade à habitação, e todos os espaços urbanos intrínsecos ao mesmo, cruzando sistemas naturais, espaços públicos e espaço edificado é fundamental. De forma a dar resposta às características singulares da zona em estudo e à procura de um novo modo de habitar, é determinante pensar no edifício como um grande sistema de recolha de água.

A proposta parte da construção subterrânea de uma infraestrutura que, no inverno, retém as águas pluviais funcionando como sistema de drenagem - possibilitando a reutilização da mesma no edifício - e, no verão, funciona como um espaço mutável de abstração do caótico contexto urbano.

Este aparato hídrico define o grande espaço público criado à cota térrea, um chão comum a todos que abraça o espaço privado em que se habita e que se articula com o rio e a cidade, dando continuidade à grande plataforma de espaço público que é a frente ribeirinha. A construção de uma infraestrutura fixa e pesada vem contrastar com a construção de um edifício de habitação efêmero.

Edifício visto como um organismo vivo em constante mudança, onde os conceitos de definição e apropriação, permanência e temporaneidade entram em confronto.

CIDADE_MONSANTO



A ponte 25 de Abril vista do Alto da Ajuda in AML, Artur Inácio Bastos, 1967

O Parque Florestal de Monsanto, situado na zona ocidental de Lisboa, desempenha um papel importante como unidade integrante do sistema ecológico da cidade. No entanto, com os sucessivos processos de urbanização e a consequente transformação da relação de proximidade e vitalidade com os sistemas naturais que a constituem, este tem-se vindo a isolar e a perder a ligação com a cidade e consequentemente a não fazer parte da vida dos seus habitantes (TELLES, 2001).

A barreira topográfica que confina a Serra de Monsanto, situada entre o Vale de Alcântara e o Vale de Algés, aliada à construção de grandes vias rodoviárias que a limitam externamente, dificultam a acessibilidade ao parque e condicionam em grande parte a sua relação com a cidade e com os lisboetas.

Apesar de Monsanto no seu interior apresentar um conjunto de pontos equipados ligados entre si, em contrapartida o seu entorno não apresenta pontos periféricos que desenhem os espaços de encontro com a cidade. Sendo assim, o único ponto onde é encontrada a possibilidade de articulação destas duas realidades é o limite sul do parque, onde a sua encosta desce suavemente até ao rio Tejo. No entanto, este limite, em certa parte, já se encontra condicionado pela construção do Polo Universitário da Ajuda e as suas vias sobredimensionadas e pela Tapada da Ajuda.

Hoje em dia, Monsanto é um espaço verde de grande dimensão que não funciona na cidade de Lisboa. Mais do que o desenho de um parque como um modelo romântico é uma espécie de aceitação de um grande vazio e talvez seja por essa razão que existe uma série de temas por resolver, mas que ao mesmo tempo são oportunidades.

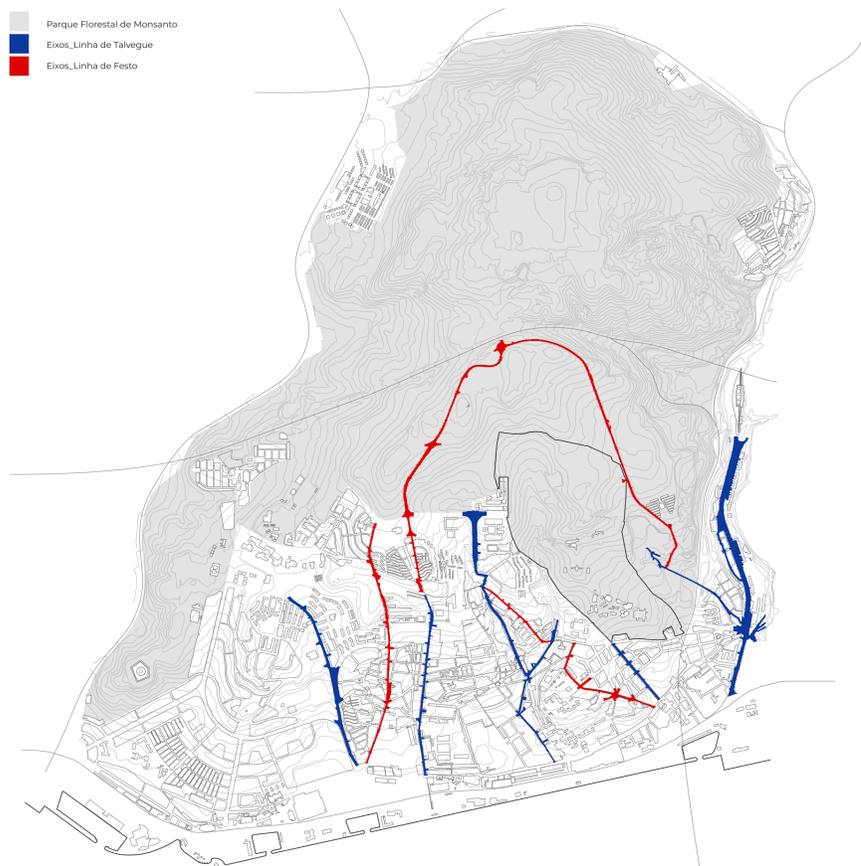


Mapa Estrutura ecológica de Lisboa Ocidental

Estrutura Ecológica

O Plano verde de Lisboa, coordenado pelo Arquiteto Paisagista Gonçalo Ribeiro Telles (1997), veio reforçar a ideia de como a estrutura verde deve ser pensada e integrada na cidade e a importância da presença da natureza no meio urbano, de modo a deixar de existir barreiras entre ambientes contruídos e ambientes naturais.

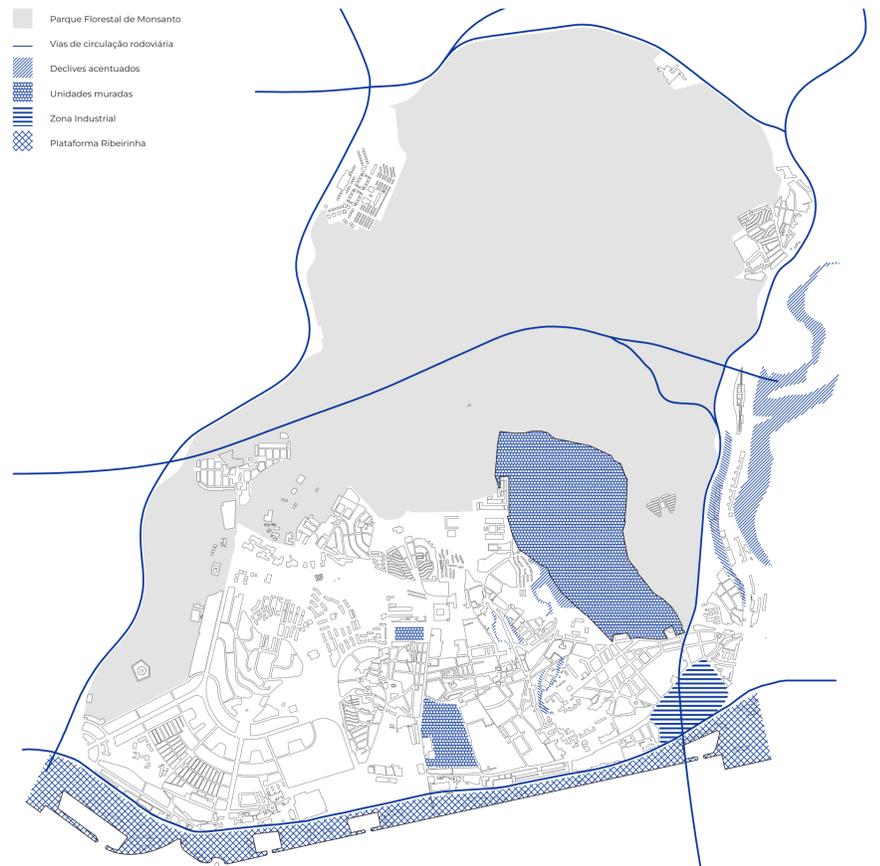
Idealizado nos anos 70, mas apenas concluído em 2012, no seguimento da falta de estabelecimento de uma ligação entre Monsanto, a cidade e o rio, dá-se a criação do Corredor Verde de Monsanto. Trata-se da ligação pedonal entre o Parque de Monsanto e o topo do Parque Eduardo VII com continuidade até à frente ribeirinha através da Avenida da Liberdade, configurando-se como uma das ligações mais importantes da Estrutura Ecológica de Lisboa (TELLES, 1997). Também o Vale de Alcântara, o Vale do Rio Seco e o braço sudoeste do parque (Alto do Duque) são eixos verdes relevantes que fomentam a ligação norte-sul, quer através da continuidade verde quer pela presença simbólica do percurso da água.



Mapa Identificação dos eixos estruturantes de Lisboa Ocidental

Eixos Estruturantes

A cidade de Lisboa desenvolveu-se ao longo da sua frente de água organizando-se segundo eixos dominantes paralelos, que direcionavam o seu crescimento, e perpendiculares ao rio, como se de afluentes deste se tratassem. No território de Lisboa Ocidental pode-se observar uma forte presença desses eixos estruturadores do tecido urbano, maioritariamente no sentido norte-sul, que favorecem a circulação e a ligação entre o Parque de Monsanto e a zona baixa da cidade. Estas artérias urbanas seguem a morfologia do território e desdobram-se ao longo das linhas de festo e de talvegue (GRAÇA, 2015).

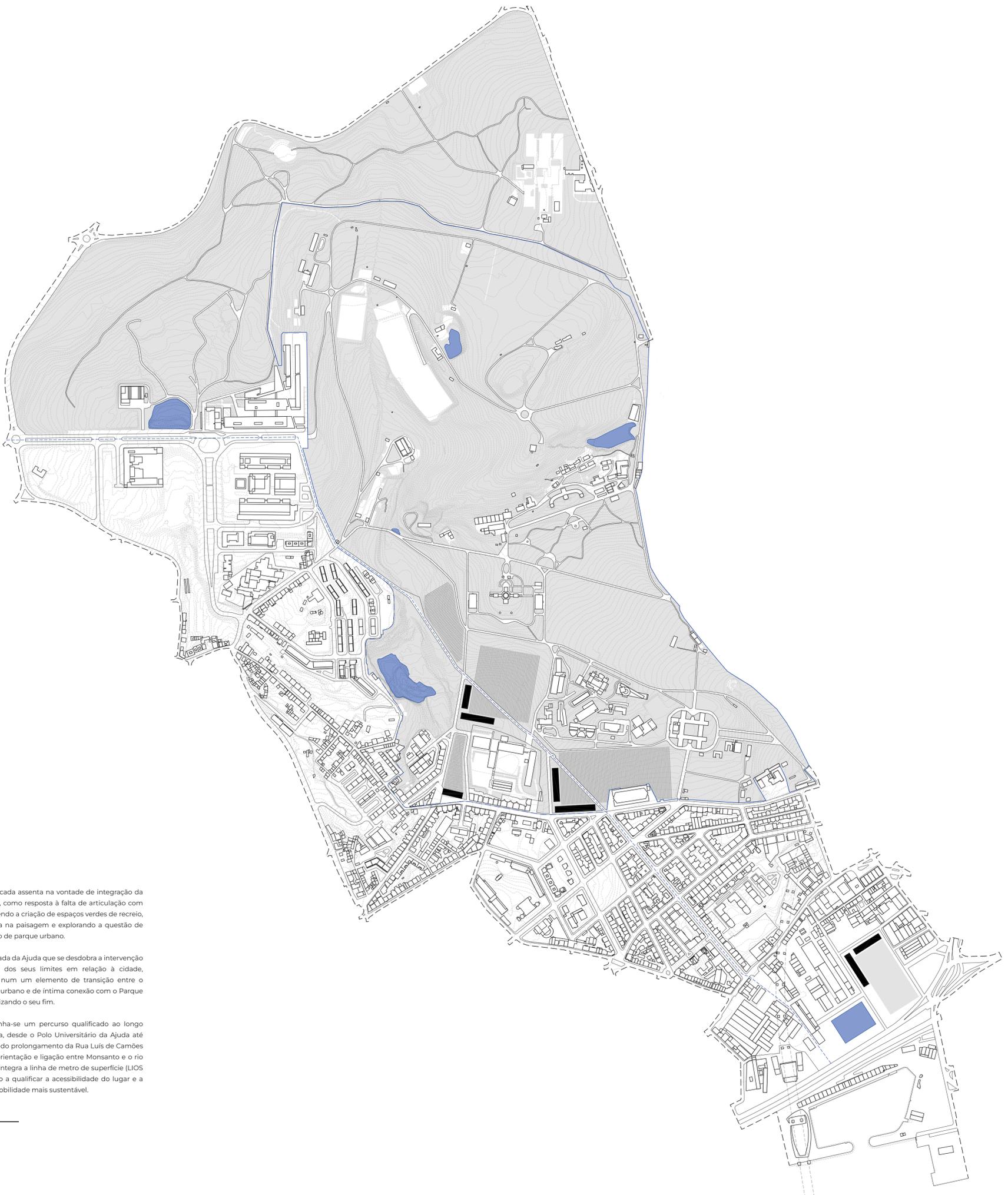


Mapa Identificação dos limites e discontinuidades de Lisboa Ocidental

Limites e Discontinuidades

À escala da cidade de Lisboa, Monsanto é visto como uma barreira/discontinuidade à vida urbana devido à sua grande escala, uma área de vasta extensão arborizada. No entanto, aproximando ao território em estudo, as barreiras encontradas são maioritariamente as grandes vias de circulação rodoviária - que contornam o parque e limitam o território de Lisboa Ocidental -, os declives acentuados - devido à forte presença dos vales e antigas pedreiras - e as unidades de equipamento público muradas, como é caso da Tapada da Ajuda, que colocam em causa a fluidez da cidade pela sua capacidade de isolamento do resto.

SISTEMA NATURAL_SISTEMA ARTIFICIAL



A estratégia aplicada assenta na vontade de integração da natureza na cidade, como resposta à falta de articulação com Monsanto, promovendo a criação de espaços verdes de recreio, a presença da água na paisagem e explorando a questão de habitar em contexto de parque urbano.

É a partir da Tapada da Ajuda que se desdobra a intervenção com a redefinição dos seus limites em relação à cidade, transformando-a num elemento de transição entre o ambiente natural e urbano e de íntima conexão com o Parque de Monsanto, canalizando o seu fim.

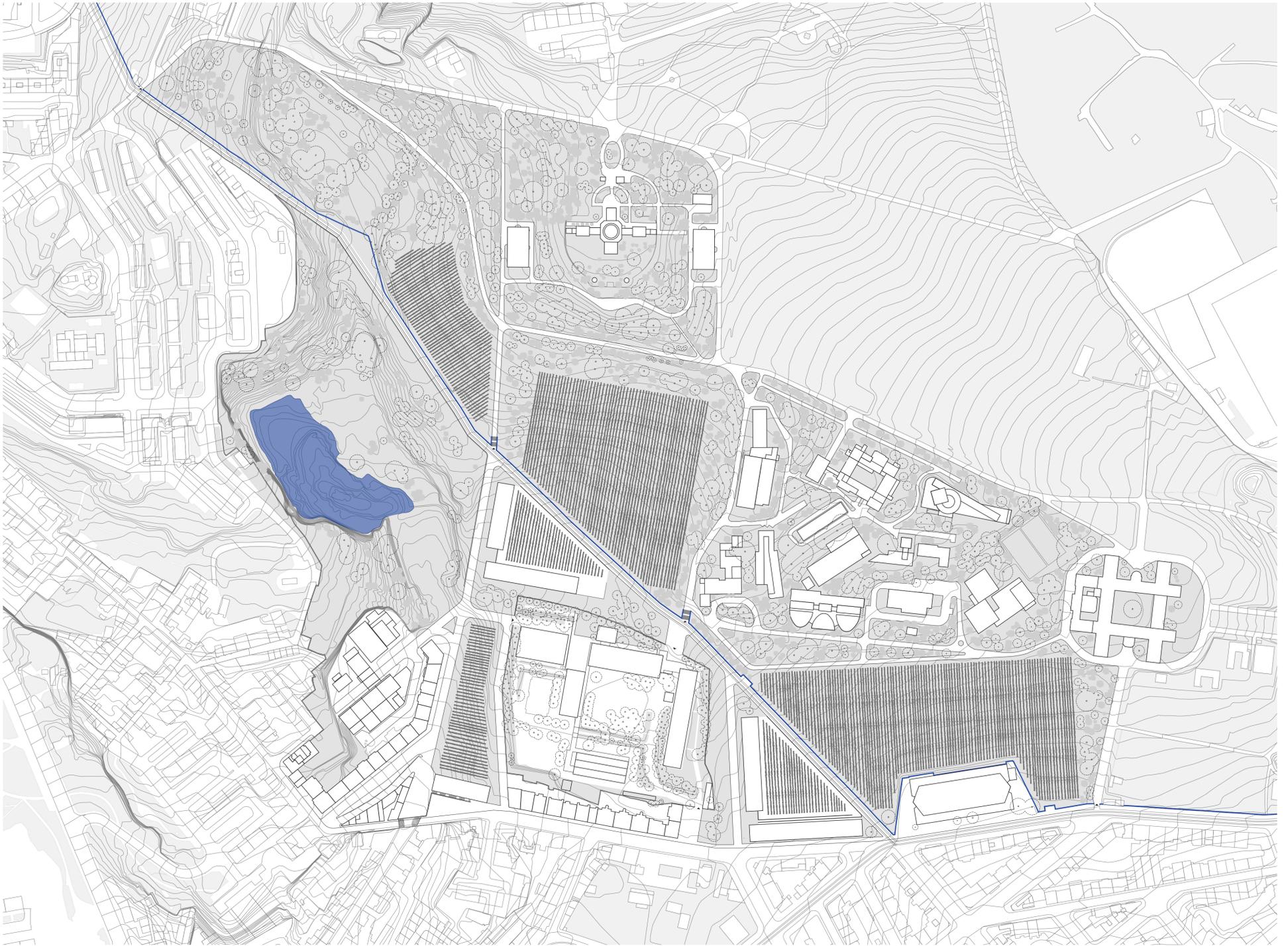
Associado desenha-se um percurso qualificado ao longo do muro da Tapada, desde o Polo Universitário da Ajuda até ao Estuário, através do prolongamento da Rua Luis de Camões como um eixo de orientação e ligação entre Monsanto e o rio Tejo. Este percurso integra a linha de metro de superfície (LIOS Ocidental) de modo a qualificar a acessibilidade do lugar e a incentivar a uma mobilidade mais sustentável.



Mapa_Estratégia



SISTEMA NATURAL_SISTEMA ARTIFICIAL

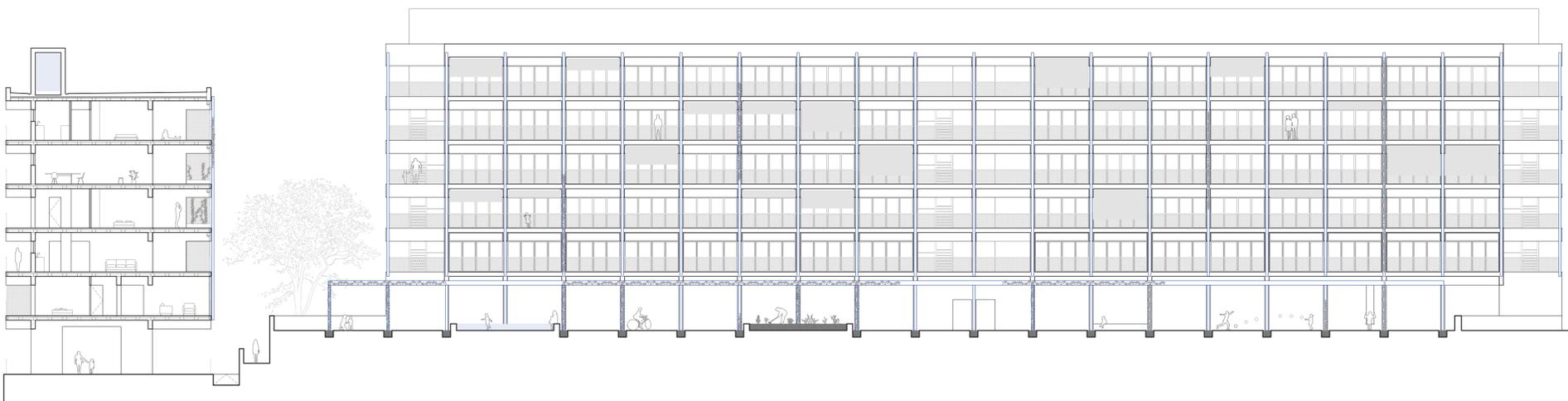


A área de enfoque do projeto apresenta características singulares provenientes do seu enquadramento entre o urbano, que importa consolidar, e o rural, que se procura preservar e propagar. É com base nestas particularidades que se propõe desenhar a cidade a partir da paisagem que esta para lá do muro da Tapada, preservando-o.

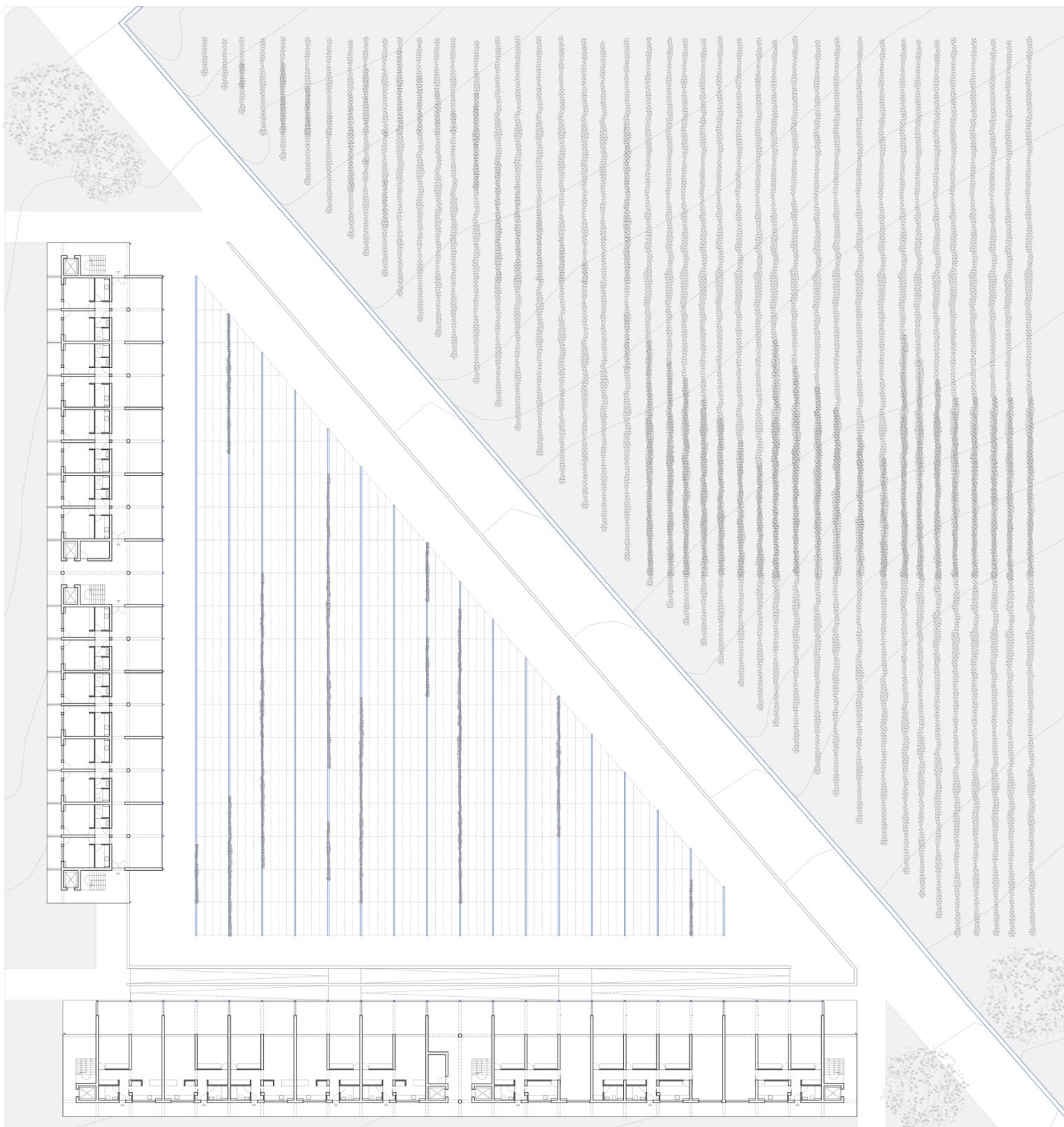
Os conjuntos habitacionais projetados encontram-se implantados na fronteira com o muro da Tapada da Ajuda e estabelecem uma forte conexão com esta por intermédio da paisagem de vinhas, que se estende pela cidade formando grandes unidades de talhões envolvidos e rematados pelas habitações.

A forte presença das antigas pedreiras que, por já não exercerem o seu papel, são vistas como espaços de descontinuidade na cidade, são uma oportunidade para desenhar espaço público. Neste caso, tirando partido da topografia do terreno desenha-se uma bacia de retenção como ponto de referência e de interação entre o espaço verde e a água.

Todo o espaço envolvente é redesenhado enquanto espaço verde público e enquanto espaço de ligação, este último através do sistema de ruas de coexistência proposto que se articula com os caminhos preexistentes da Tapada.



SISTEMA NATURAL_SYSTEMA ARTIFICIAL



10m
Planta_Habitar

Limitada pelo conjunto habitacional desenha-se uma plataforma de espaço público definida por uma estrutura - orientada de acordo com as fileiras das vinhas da Tapada - pela qual as vidieras se desenvolvem, formando uns tetos de sombreamento que criam uma continuidade visual com as vinhas a céu aberto do outro lado do muro.

Para o programa habitacional é proposto uma arquitetura de emergência, ou seja, habitações que acolhem pessoas e famílias em situações limite que necessitam de ser realojadas, oferecendo a possibilidade de habitar em ambiente familiar ou em comunidade de modo a beneficiar o processo de integração do habitante. Esta intenção surge das oportunidades que o lugar oferece visto dispor de um vasto conjunto de equipamentos e programas públicos que constroem uma vida diurna permanente, e da proximidade com os campos de cultivo da Tapada que favorece a fixação das pessoas oferecendo-lhes trabalho - a Tapada abre-se para a cidade e as vinhas para a comunidade.

Habitar numa cidade dominada pela natureza passa por compreender a vivência das duas realidades. As habitações são desenhadas de acordo com o cenário com o qual dialogam: voltados para a cidade encontram-se os espaços de serviço, mais contidos em si mesmos, enquanto os espaços mais íntimos e de repouso se debruçam sobre a Tapada através de grandes varandas que enquadram a paisagem e permitem a contemplação das vinhas.



10m
Corte Transversal_ Entre a cidade (Bairro do Alto de Santo Amaro) e o parque (Tapada da Ajuda)